

# Estratégias de Sobrevivência do Ponto de Vista Psicanalítico

Judit Székács

A reflexão sobre o trabalho analítico com integrantes de gerações posteriores à Segunda Guerra revela que com eles se passam fenômenos psicodinâmicos específicos

A partir do começo dos anos setenta, tenho sido procurada por um número razoável de jovens adultos para realizar uma psicoterapia analítica, ou melhor dizendo, uma psicanálise.

O trabalho desenvolvido com eles foi confirmando, cada vez mais, a idéia de que seria possível descrever um leque de fenômenos psicodinâmicos específicos, próprios (até sob diversos outros sentidos) desta segunda geração do pós-guerra. Muitos desses jovens descendentes de judeus (segunda geração) revelam ter sido atingidos pelos horrores do Holocausto.

Para a geração que atravessou a guerra no Centro-Leste Europeu, a tão almejada paz não trouxe consigo — seja no nível individual, seja no nível social — a possibi-

lidade de entendimento e elaboração progressivos dessas experiências abaladoras da existência humana. A história não permitiu descanso: uma série de modificações sociais, e também de valores, esperava a geração que mal acabava de se recompor da guerra. A geração pós-guerra carregava em sua existência um conjunto de experiências que não puderam ser elaboradas, e que assim permaneceram por diversas gerações. Nesse contexto comecei a

**Judit Székács** — Psicanalista húngara, membro da A.P.A., atualmente radicada em Londres. Trabalha com crianças.

Texto traduzido do húngaro por Janos Engelberg e revisado por Leopoldo Fulgênio Júnior, publicado originalmente em *Thalassa* nº1, Budapeste, 1989.

utilizar, com relação a essas gerações, a denominação de “filhos de ventos brilhantes”, por analogia a “filho do holocausto”.

Com isso, desejo enfatizar desde já a idéia de que na vida dessas gerações esse efeito múltiplo se manifesta igualmente em todos os indivíduos, efeitos que surgem de maneira sobreposta ou de forma seqüencial em meio a outras forças adversas modificadoras da personalidade\*.

A meu ver o quadro clínico desses jovens evidencia sérias perturbações da identidade e da identificação. Encontramos também uma vivência de falta de continuidade espaço-temporal, e a primazia de mecanismos de defesa primitivos. Desmembramento, cisão e idealização fazem-se visíveis. Os limites não são flexíveis tornando, assim, freqüentes as incertezas em relação aos contornos do Eu e do corpo. Poderíamos, então, pensar em termos nosográficos no borderline.

A história de Suzi é típica. A mãe é praticamente a única sobrevivente de uma família judia da alta burguesia, pois seus pais e seus dois irmãos foram aniquilados em campos de concentração. O pai de Suzi, rapaz de meio rural, estudara em escola pública. Os dois jovens, procedentes de dois mundos com valores e hábitos totalmente diversos, encontram-se no entusiasmo da reconstrução de uma vida nova. O movimento, a fé num futuro glorioso, cria a ilusão de se pertencerem e se completarem. Ao mesmo tempo, constitui-se o fundamento, de antemão cindido, da construção familiar e de sua atmosfera.

A mitologia familiar fica restrita apenas aos traços idílicos: forma-se uma espécie de “maneira de ser tribal”. As provocações dos anos 50 robustecem com nova força o fechamento (isolamento) do nosso mundo. A família tira de si os conteúdos assustadores e os projeta sobre o mundo exterior. Dessa forma o

\* Nos países do Leste Europeu onde o judaísmo sobreviveu (incluída a Hungria), a possibilidade de elaboração psíquica surge pelo acesso ao conhecimento das modificações essenciais do pós-guerra.

mundo exterior se torna inimigo e ofensivo. Sair da família é perigoso.

Esses mecanismos ajudam a manter a ilusão da existência de uma família que se defende, não raras vezes dando cores patéticas e heróicas à verdade quase insuportável: a pobreza, a vida em comum, humilhações no emprego, brigas e batalhas desesperadas. Os segredos familiares referentes ao passado e ao presente aprofundam ainda mais o isolamento, e tornam mais rígido o sistema familiar, dificultando as possibilidades de integração.

O mundo partido em dois leva,

**P**ara a geração que atravessou a guerra na Europa, a paz não trouxe a possibilidade de elaboração dessa experiência abaladora da existência humana

também, à cisão nas funções mentais.

De um lado, o idílio, do qual se fala sempre, mas que existe somente em palavras e fantasias, jamais na experiência. Do outro, o mundo real, existente no nível de eventos e experiências, mas do qual não é permitido saber nem falar. Esse conflito insolúvel no caso de Suzi a leva, na sua adolescência, a uma pseudobobeira. Nesse momento, Suzi não é capaz de discernir o verdadeiro valor das palavras, reconhecer conexões, orientar-se em meio a suas tarefas e situações. Na escola é

apelidada de “Molenga”. A menina que era extremamente inteligente é considerada vagarosa e de percepção lenta.

Para Suzi o mundo não pode ser tratado como tendo a experiência como fonte de aprendizagem. Na verdade, experiência e aprendizagem devem estar claramente separadas, caso contrário a realidade psíquica fica ameaçada de caos e implosão. A cisão passa a ser um dos mecanismos de defesa.

Do material de Suzi, do ponto de vista de nosso tema, podemos aprender a primeira estratégia psicodinâmica, a mais central e a mais abrangente de todas: o princípio da cisão.

A prática e os princípios levam a uma existência separada. Na dicotomia entre a prática e a aprendizagem aparece um dos modelos dominantes da época: a separação entre a prática e a ideologia e o domínio dos princípios sobre as práticas vividas.

A fragmentação funciona também nas dimensões do presente, passado e futuro. O tempo retalhado fornece a moldura para a elaboração do material vivencial (retalhado, esfacelado etc). A realidade e a fantasia se confundem, a realidade psíquica é constituída por elementos independentes.

Igualmente abrangente e tocando a todos em nossa vida cotidiana é o domínio da mediocridade.

Nos sistemas totalitários tudo aquilo que não for controlável (a partir do centro) é perigoso. Uma das “lições” mais dolorosas da época de Stalin era a de que o individualismo é suspeito. Destacar-se não é bom, poderá custar a própria vida. Tampouco são permissíveis idéias ou concepções individuais. O indivíduo que capta as novas correlações entre os fatores remotos da realidade acaba por colocar um ponto de interrogação na aceitação do caráter geral da verdade oficial aprovada a partir do centro. O talento, a criatividade, recebem um significado pejorativo — tornam-se sinônimo de um posiciona-

mento errado. Os criativos são considerados pessoas com problemas — “gente difícil”.

Pensar algo novo, criar algo novo é perigoso. Quem continua na mediocridade — podemos dizê-lo — “terá longa vida nesta terra”. Talvez só agora possamos avaliar a profundidade da destruição causada pelo silêncio do espírito amedrontado no campo das ciências e das artes.

Em muitas famílias, em que os anos da década de 50 vieram romper um trajeto iniciado por jovens pais (isso se refere igualmente a artesãos, comerciantes, agricultores bem colocados, intelectuais), toma corpo um lema intimamente ligado ao exposto acima: não seja bem sucedido!

Agi (Inês) é incapaz de concluir sua tese de doutorado. Ela mesma não entende o que acontece, pois, normalmente, ela escreve com facilidade e rapidez, produz bem. O seu trabalho focaliza uma importante gráfica impressora nacional de livros. Ao contar sua história, vem à tona que seus pais, na época do caso Rajk\*\*, eram jornalistas jovens talentosos. Embora não acusados diretamente, são colocados na esfera da desconfiança, perdem o emprego e ficam durante longos anos fora de circulação dentro da profissão. Percorremos com Agi um longo percurso até entender o paradoxo inconsciente: com seu fracasso ela expressa a identidade e a solidariedade com os pais. Não pode ser bem-sucedida, pois isso, contrastando com o que é de se esperar num nível consciente e manifesto das palavras, num nível inconsciente seria classificado de traição. Ao conseguir dissolver esse dilema, também a tese pode ficar pronta.

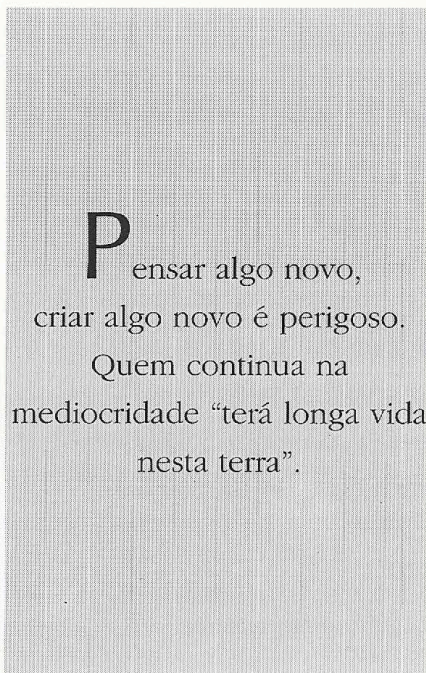
Até aqui tratamos de fenômenos psicodinâmicos calcados em movimentos histórico-sociológicos; a psicopatologia individual tem sido

\*\* Rajk — foi processado após a revolução de 1956 na Hungria, que fez uma completa modificação nos quadros do partido comunista.

obrigada a lidar com essa questão, incontrolável tanto na sua literatura como na linguagem comum, com o nome de estratégia de sobrevivência.

O conceito tornou-se propriamente conhecido pela literatura do Holocausto, mas o termo é tão evidente que nem sequer costuma ser definido.

Da mesma maneira que as estratégias de sobrevivência carregam informações vitais para o indivíduo, e através de seu funcionamento realçam conexões e movimentos da psicologia individual e coletiva, sua



compreensão é indispensável tanto do ponto de vista do indivíduo como do ambiente e do termo em que se vive.

Na verdade, a estratégia de sobrevivência é o roteiro das diversas possibilidades de salvar-se em casos extremos de situações críticas; baseia-se nas experiências individuais das gerações que atravessaram situações de perigo. Leva consigo tanto as marcas da realidade psíquica como as da realidade externa. Codifica marcas conscientes e inconscientes. Transmite informações vitais numa forma concentrada. Fornece

um guia para melhorar a percepção; como identificar o perigo e as fontes de auxílio. Prescreve operações mentais, relacionamentos afetivos e afazeres reais. Regulariza o comportamento e a ordem das providências necessárias. Possui comprovada força de salvamento parece inquestionável. Age como um axioma psicológico. Os sobreviventes julgam de importância vital a sua transmissão, pois é instrumento de auto-preservação. O modo de transmissão não fica restrito à comunicação oral direta; na maioria das vezes são os mitos e as lendas familiares que se encarregam de transmitir essas estratégias aos sucessores. Nessa definição julgo importante enfatizar também, por motivos de metodologia, que:

— pressupõe-se a realização do exame da realidade interna e externa ao mesmo tempo;

— faz-se uso do modelo de mais de uma geração;

— faz-se uso do conceito de script, utilizado como foi elaborado por John Byng-Hall, o que torna possível entender um sistema, psicanaliticamente.

Na literatura húngara o exame desse conjunto de fenômenos aparece muito cedo, logo após a guerra, nos trabalhos pioneiros — até na Europa — de Schönberger-Székás, que depois, no sentido pleno da palavra, desaparecem por décadas. No seu trabalho intitulado “Os distúrbios do ego em tempos de guerra”, em 1947 escreve: “O ódio e a devastação enorme vividos durante a guerra levaram à despersonalização, e em consequência apareceu um novo ‘ego de guerra’”. Tudo aquilo que provoca o sentimento de onipotência reconstrutiva colabora para de que deste “eu de guerra” se desenvolva num novo “eu de paz”. Isso refaz o equilíbrio sadio e misto e aí reside a importância psicológica da reconstrução. Esse equilíbrio, porém, difere necessariamente do que existia anteriormente. O trauma, uma vez consumado, jamais poderá, não importa por que espécie de reconstrução, passar à condição de não-acontecido, embora o sentido

de onipotência reconstitutiva que acompanha a reconstrução física seja capaz de emprestar ao indivíduo e à comunidade uma autoconfiança aumentada.

O trauma comum e o reencontro, ou seja, a reconstrução, resulta em novos "eus" que necessariamente diferem do "eu" daqueles que não passaram pelo trauma, ou pelo "restabelecimento".

Dentro do espírito do pensamento de Schönberger-Székács poderíamos, eventualmente, também definir que qualquer quebra nesse processo torna difícil o desenvolvimento do "eu de paz".

O desenvolvimento mental e psicodinâmico forma-se sob a ação acumulada da traumatização.

Quando as modificações se sucedem em tal ritmo, não propiciando espaço de tempo necessário à elaboração, a validade das estratégias de sobrevivência não pode ser submetida à prova nas novas circunstâncias. A falta de estabilidade aumenta a força das estratégias de sobrevivência.

Não é raro, pois, que os reguladores que orientam o comportamento baseados nas experiências da época precedente, ou mesmo nas de gerações anteriores, afastem-se da realidade atual: em vez de fornecerem reações rápidas e econômicas, dificultam a adaptação e alienam a capacidade de percepção da realidade.

Para o indivíduo nessas condições, os movimentos do mundo exterior parecem caóticos, as modificações são ameaçadoras. O valor da imobilidade aumenta.

Portanto, o estudo das estratégias de sobrevivência e das normas dominantes em determinadas épocas não constitui, unicamente, a meta justificada do mundo fechado dos consultórios terapêuticos. A época com o seu "aqui e agora" pode auxiliar na compreensão mais identificada do passado comum e na criação da sensação de uma aceitação de identidade.